

POLÍTICA E HUMOR: IMAGENS DOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA NA PÓS- DITADURA MILITAR

Meryhelen Alves da Cruz

Graduanda em História na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

E-mail: merycalves@gmail.com

Palavras-chave: Livro Didático. Redemocratização. Humor. Imagens.

Pensar sobre o papel do livro didático na formação escolar dos discentes e no âmbito escolar é assunto polêmico, pois geram controvérsias entre professores, alunos e pesquisadores, mas entendemos que este deve ser considerado em um conjunto mais amplo nos quais aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos se articulam, conferindo-lhe uma dimensão específica. Corroborando com a nossa idéia, Bittencourt (1993) afirma que para uma parcela inaudível de educadores, o livro didático é considerado um empecilho a ser abdicado nas salas de aula e para outra ele é material fundamental ao qual o curso torna-se completamente submisso.

O uso do livro didático de história como objeto de pesquisa não é recente, visto que Mendes Fradique já os utilizou como fonte em seus estudos empíricos. No livro *História do Brasil pelo método confuso* (1920), Fradique analisa os manuais escolares utilizados até aquele período e confecciona uma sátira destes, expressando através de um humor carnavalizado, ainda que restrito a visão de História limitada a seus aspectos políticos, as diversas visões que a história do Brasil foi retratada nos textos escolares.

Pensar o humor como forma de *representação* no ensino de História no Brasil (seus usos e abusos) e de construção de uma *narrativa nacional* que faz parte da edificação de paradigmas identitários, nos permite refletir sobre o seu valor pedagógico. No que tange as definições do humor, Elias Saliba (2002) argumenta que existem dois tipos de riso: o bom – riso positivo, alegria lícita - e o mal – negativo, deboche, zombaria. Saliba (2002) afirma que o humor nasce do contraste, do estranhamento e da criação de novos significados, gerando assim o riso. O referido autor, também argumenta que o humor e, conseqüentemente, o riso, representam à história e a cultural de um tempo, porém, ressalta que são passíveis de modificação, não sendo aspectos permanentes e também esclarece que o riso, o humor e o

deboche sempre estiveram presentes na disciplina de História. Mas é preciso atentar para o fato de que as representações humorísticas são formadas no contexto social e histórico de cada sociedade, pois cada cultura possui a sua forma particular de humor.

No Brasil, ainda que as pesquisas referentes à trajetória histórica da História ensinada sejam escassas (MUNAKATA, 2001), pretendemos inserir nossa investigação em um campo mais amplo composto pelos estudos ampliados da Didática da História. O presente estudo centra-se na análise de dois livros didáticos editados na pós-ditadura Militar, período marcado por grandes mudanças no ensino de História. Entendemos que a implantação do projeto político-educacional elaborado pela Junta Militar afetou diretamente a disciplina escolar de História, além deste elemento, as práticas de censura influenciaram a produção artística e as formas de expressão do brasileiro, afetando o uso da linguagem humorística no ensino de História, bem como sua narrativa. Silenciar o deboche e controlar o humor também se fundamentou como estratégia de construção de novos paradigmas identitários e sentimentos de pertença veiculados à Doutrina de Segurança Nacional. Sendo assim, o final do Regime Militar correspondeu a um retorno dos *protocolos do humor* e do uso freqüente do deboche como estratégia narrativa. Considerando esse contexto, objetivamos identificar as permanências do uso do humor e do deboche - compreendidos como prática cultural - na didatização da História veiculada nos livros didáticos e compreender suas repercussões na História ensinada.

A investigação proposta apoiou-se em um estudo de dois livros didáticos, *História das sociedades* (AQUINO; FRANCO; LOPES, 1985) e *História das sociedades brasileira* (ALENCAR; RAMALHO; RIBEIRO, 1985), ambos publicados no período denominado pós-ditadura militar. Os manuais escolares são uma importante fonte de análise, pois é definido como objeto operacional confeccionado conforme os parâmetros e amarras do tempo em que é escrito, exprimindo a leitura do mundo, as exigências institucionais, intencionalidades educacionais, editoriais. Ninguém passa por algum lugar sem deixar os rastros da cultura e da formação explícitas e implícitas na forma de conceber e conduzir as exposições de pensamento, opiniões, argumento de sustentação das idéias. O autor/a de um livro marcará os caracteres da obra com a defesa da sua formação reverberada na forma como organiza o pensamento, como articula as partes com o todo e vice-versa. Não obstante, nos focaremos as imagens contidas dos manuais escolares, pois como assevera Bittencourt (1993), as imagens podem criar uma maneira especial de leitura nos discentes e a presença destas favorecem ao diálogo (entre os estudantes ou entre eles e o professor), suscitando comentários que deslizavam continuamente do escrito para o oral e do oral para o escrito.

Sobre o uso das imagens como fonte histórica, Roger Chartier (1990) nos adverti que não devemos agir como se as imagens tivessem significados por si mesmo, fora das leituras que os constroem e que as ilustrações são um espaço aberto a múltiplas leituras, mas que devem ser apreendidas como tendo uma intencionalidade. O referido autor (CHARTIER, 1990) também nos mostra que o lugar da imagem (ou a falta desta) no corpo do texto indica uma intenção do manual escolar, pois orienta como deve se compreendido o texto, ou seja, as ilustrações são representações do conteúdo. Assim, quando uma ilustração vier em primeiro lugar, o corpo do texto deve ser entendido com um simples comentário.

Os diversos tipos de imagem, de distintas naturezas formais, tempos e lugares, dispostos nos dois livros didáticos analisados, são vistas em seu uso pragmático e as fontes aqui são tratadas de forma a viabilizar o livro e o uso do recurso visual no trabalho historiográfico: pois a imagem comunica. Mesmo sendo invariavelmente muda, ela sempre expressa, sempre significa. Para tratar desses atos de forma metódica, parte-se da idéia inicial de que as imagens, assim como os textos, podem e devem ser traduzidas de modo a ser adaptarem ao uso que delas se pretende fazer, mas de acordo com Burke (2005) devemos atentar para as fragilidades do recurso e também para lançar às imagens o primeiro questionamento a ser feito a qualquer tipo de fonte: em que circunstancia o documento foi produzido? Quais os propósitos do realizador?

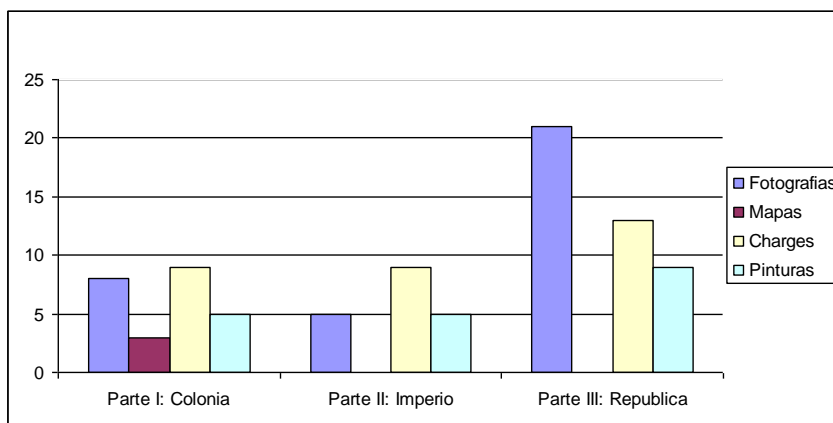
Logo, os livros escolares, de modo geral, configuram um objeto em circulação – como bem frisa Chartier (1990) – e, por essa razão, são veículos de circulação de idéias que traduzem valores, e comportamentos que se desejou fossem ensinados. Some-se a isso o fato de que as relações entre livro escolar e escolarização permitem pensar na possibilidade de uma aproximação maior do ponto de vista histórico acerca da circulação de idéias sobre o que a escola deveria transmitir/ensinar e, ao mesmo tempo, saber qual concepção educativa estaria permeando a proposta de formação dos sujeitos escolares. Nesse sentido então, esse tipo de fonte pode servir como um indicador de projeto de formação social desencadeado pela escola, que cidadão a escola estaria formando. Isso é permitido por meio das interrogações que podem ser feitas, quer em termos do conteúdo, quer de discurso, sem deixar de levar em consideração aspectos referentes à temporalidade e espaço. O que, por sua vez, possibilita indagar sobre a que e a quem serviu como um dos instrumentos da prática institucional escolar.

Segundo Burke (2005) e Chartier (1990), as representações e as práticas são os aspectos característicos da Nova História Cultural. Os autores conceituam esta renovação como algo estreitamente ligado a uma “virada cultural” cujo olhar se move em direção aos

valores de grupos particulares, em locais e períodos específicos. A relação estabelecida entre História e Historiador é marcada pelos agentes sócio-culturais que descarregam sobre este último, suas tendências. As verdades históricas são construídas de acordo com quem as escreveu, refletindo suas tendências teórico-metodológicas que singularizam determinadas leituras de mundo. O livro didático é um suporte pedagógico que descortina problemáticas sócio-educacionais e culturais e diz muito do contexto teórico em que foi produzido.

O livro didático *História da Sociedade Brasileira*¹ (ALENCAR; RAMALHO; RIBEIRO, 1985) dividi a história do Brasil em três partes (colônia, império e república), sendo que cada parte é subdividida em unidades e estes, em capítulos, somando-se assim 339 páginas. Como mostra o gráfico abaixo, o livro ao todo contém 102 imagens², todas em preto e branco, sendo: 41 fotografias, 3 mapas, 31 charges e 27 pinturas. É interessante observar que a página inicial de cada unidade começa com uma imagem (fotografia ou charge), ocupando $\frac{3}{4}$ da folha e o espaço restante é reservado ao nome da unidade, relacionada ao tema que será abordado.

Gráfico 1 – Demonstração de imagens do livro *HDSB*



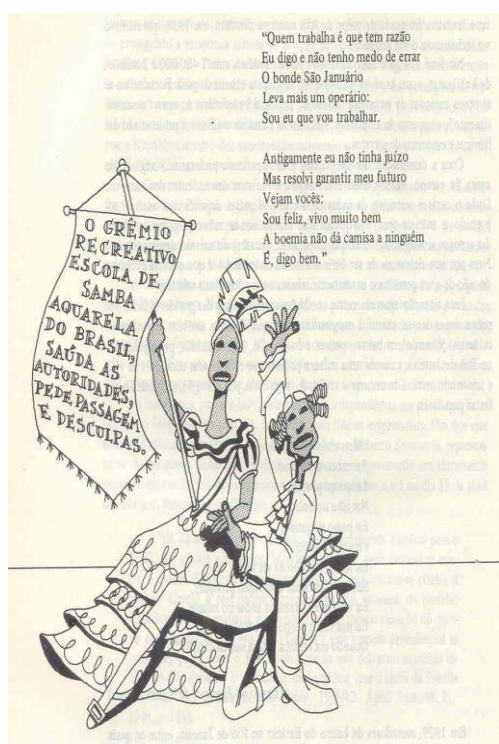
Ao analisar as imagens contidas no *HDSB*, percebemos que ao abordar a história do Brasil colonial, o autor preocupasse em destacar a cultura indígena e a negra através de fotografias, mas ao mostrar a intervenção portuguesa, faz isso por meio de charges que demonstram de forma engraçada como a história aconteceu. Assim, o autor representa os indígenas e africanos, como um povo que somente trabalhava e foi escravizado e o branco

¹ Passaremos a denominar de HDSB.

² Entendemos imagens como sendo os mapas, fotografias, pinturas e charges contidas no manual escolar.

português, como um povo dominador. Em relação ao período imperial brasileiro, observa-se a utilização das fotografias como forma de expor a pobreza do povo brasileiro, mas sem fazer uma ligação com o assunto abordado e as charges são constantemente utilizadas para ironizar a situação política da época. Sobre a época republicana, encontra-se o maior número de imagens, principalmente fotografias e charges utilizadas no livro, que visam mostrar a história brasileira através do uso da ironia, pois o autor faz montagens utilizando fotografias da época e charges dos políticos envolvidos nos acontecimentos.

Ao analisar a *imagem A* abaixo, podemos observar intenção dos autores em retratar de modo humorado a período varguista, pois na página onde se encontra a charge é dedicada a cultura e aos acontecimentos políticos da época. Na *imagem B*, observe-se o uso da ironia para abordar a abolição da escravatura no Brasil em 1888, pois os autores colocam que a Princesa Isabel, que assinou a Lei Áurea³ precisava dos serviços de um ex-escravo, ou seja, mesmo com o fim da escravidão, a condição de escravo não mudou, continuava a receber salários baixos e a trabalhar excessivamente.



(A)



(B)

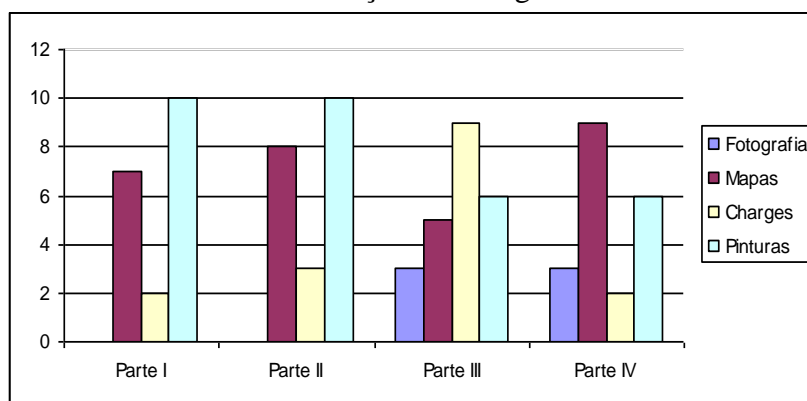
Figura 1. Exemplo do uso da caricatura (A) e da ironia (B) no livro didático analisado. (ALENCAR; RAMALHO; RIBEIRO, 1985)

³ Lei que alforriava todos os escravos em território brasileiro.

Em relação aos mapas utilizados no *HDSB*, percebemos que os autores somente utilizam-nos nos capítulos dedicados a história do Brasil colônia, pois eles fazem mais uso das pinturas e fotografias para ilustrar os conteúdos abordados. Nesta parte do livro didático, percebemos que os autores não lançam mão do humor como forma de representar a sociedade brasileira, no entanto, ao retratar os portugueses e a coroa real, apropriasse dos estereótipos como forma de mostrar a história do Brasil. Contudo, nos capítulos dedicados a história contemporânea do Brasil, observa-se o uso constante das charges e fotografias para retratar o político brasileiro e a apropriação de estereótipos que valorizassem a cultura do local.

No livro didático *História das sociedades: das sociedades modernas às sociedade atuais*⁴ (AQUINO; FRANCO; LOPES, 1985), como mostra o gráfico abaixo, contêm 82 imagens distribuídas em 376 paginas e sendo dividido em quatro partes e estes em unidades. Assim, o manual contem 05 fotografias, 29 mapas, 16 charges e 33 pinturas, todas em preto e branco, ocupando ½ das páginas que se encontram. Na Parte I, dedicada ao mundo ocidental durante a época moderna (XV ao XVIII), os autores se abstém da utilização de fotografias, mas utilização pinturas que retratam o tema estudado. O mesmo acontece na Parte II, onde aborda a formação do mundo contemporâneo, mas neste momento percebemos uma maior utilização de charges em relação ao momento anterior. Já na Parte III – apogeu e a crise da sociedade liberal no mundo ocidental contemporâneo, e na Parte IV – mundo contemporâneo e as sociedades atuais, percebemos a aparição das fotografias, um aumento do número de charges e em contra partida, a estagnação do número de pinturas. É interessante observar, que cada Parte tem um resumo do que será estudado nos capítulos posteriores e uma ilustração, que mostra de forma “engraçada” o assunto abordado.

Gráfico 1 – Demonstração das imagens do livro *HDS*

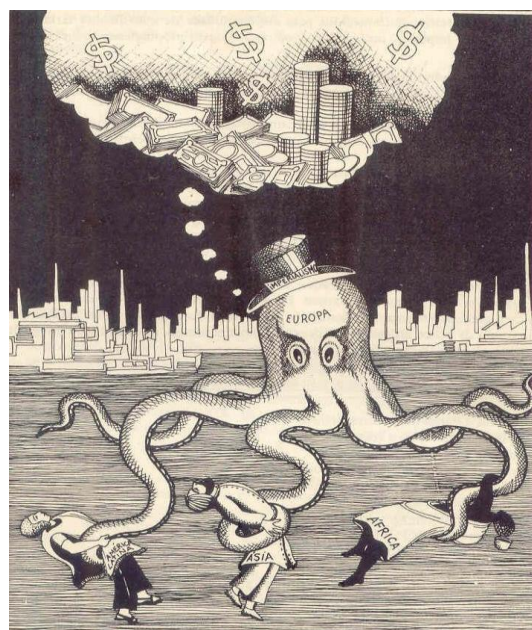


⁴ Passaremos de denominar *HDS*.

Observando as duas ilustrações, podemos perceber a intenção dos autores em mostrar a história de forma alusiva, utilizando para isso, as charges. A primeira ilustração (C), que tem o título de “Tio Sam no topo do mundo”, faz uma alusão à superioridade norte-americana no contexto do século XX e mostra de forma irônica, que a América Latina estava sob o controle político dos Estados Unidos da América. Na segunda imagem (D), intitulada “E os tentáculos se estenderam...”, ilustra o conteúdo referente à expansão imperialista e colonial no final do Oitocentos, mostrando que a Europa controlava os países ao redor do mundo.



(C)



(D)

Figura 2. Exemplo do uso da caricatura e da ironia através das imagens.
(AQUINO; FRANCO; LOPES, 1985)

Nos dois manuais escolares analisados neste subprojeto de pesquisa, verificamos que das 183 imagens contidas nas fontes existem: 44 fotografias, 32 mapas, 47 charges e 60 pinturas. Ao analisar as fotografias utilizadas, percebemos a preocupação dos autores em destacar aspectos da sociedade na sua realidade, sem o uso da caricatura, o que tornaria a história mais verídica. No *HSB*, os indígenas e negros brasileiros sempre são representados por meio de fotografias, que destacam o esquecimento que essas culturas sofrem, já no *HDS*, as fotografias são utilizadas para destacar o sofrimento humano perante os confrontos armados ocorridos no século XX. Desta forma, entendemos que ao lançar mão das fotografias, os autores dos livros didáticos querem representar fatos históricos que não são

passíveis de humor, pois o sofrimento humano e as culturas que ainda sofrem preconceito racial, não podem ser objetos de escárnio.

Em relação aos mapas, estes são usados como guia geográfico, pois, simplesmente, indicam a localização de um determinado lugar ou como planta para demonstrar a organização espacial de uma casa ou fazenda. Ao colocarem os mapas nos manuais, os autores os utilizam para exemplificar o conteúdo abordado, é o caso do livro *HDSB*, quando retrata a plantio da cana-de-açúcar no Brasil colonial e em seguida demonstra – por meio do mapa – a organização de um típico engenho açucareiro. Neste mesmo livro, percebemos que os escritores apenas os utilizam quando abordam o período colonial brasileiro, nos outros momentos da história, lançam mão de outras ilustrações para os conteúdos. No *HDS*, percebemos uma maior preocupação ao utilizar esse material didático, pois os mapas estão em maior número em relação ao livro anterior e são usados como um outro meio de explicação dos conteúdos, visto que os mapas não mostram apenas a localização geográfica dos lugares estudados, mostram também as rotas comerciais, os países que participaram de guerras. Ou seja, entendemos que os autores tiveram a intenção de demonstrar visualmente o conteúdo de maneira simples, sem utilizar as pinturas e charges irônicas.

Nas duas fontes analisadas, percebemos que os autores aproveitam-se das charges para criticar os políticos e a economia do conteúdo abordado, seja ele antigo ou contemporâneo. Sempre que vão retratar um dirigente político - monarca ou presidente –, faz-se uso das caricaturas e do deboche, destacando os pontos negativos do seu governo. Assim, D. João VI é representado como o gordo que só pensava em comer e em garantir o seu status social e que veio para o Brasil fugindo de Luis Bonaparte, ou seja, o rei medroso. Ou exemplo é charge apropriada pelo livro didático *HDSB* de Jânio Quadro, onde ele aparece deformado e carregando uma vassoura (seu slogan de campanha presidência) e se perguntado onde tinha errado para ser obrigado a renunciar presidência da república do Brasil. Já as pinturas, em maior número no *HDS*, também visam representar a sociedade de modo irônico, pois sempre são utilizadas aquelas que trazem um deboche do evento retratado no livro didático. Como exemplo, ao abordar o período medieval, as duas fontes trazem pinturas retratando a luxúria e a ganâncias da sociedade e mostram imagens que trazem diabinhos espetando as pessoas no inferno.

Conclusões

De acordo com as discussões apresentadas neste relatório de pesquisa, as imagens presentes nos livros didáticos publicados no período denominado pós-ditadura militar brasileiro confirmavam a caracterização da história a utilização dos protocolos de humor para representar fatos históricos na sociedade. Em certo aspecto, emerge das fontes a prática da representação onde são exaltadas as culturas e os fatos históricos da sociedade vista como corretas – capoeira, carnaval, música, poesias, etc. – e relegadas à zombaria aquelas que deveriam ser esquecidas, como a corrupção, política, guerras. Assim, corroborando com Minois (2005), percebemos que a prática da chacota nos livros didáticos ocorre como forma de sobrevivência às mazelas sociais da sociedade, logo, o riso seria a forma da sociedade superar as suas adversidades, seria o antídoto para as males. Percebemos também, que as imagens vão além do texto escrito pelos autores, pois através das ilustrações os escritores podem exprimir as suas opiniões, visto que em nenhum momento o texto que acompanha as figuras faz menção às idéias contidas nas ilustrações. Nos compêndios analisados, diagnosticamos que dependendo do tema abordado, o autor utilizasse com mais freqüências das fotografias e das charges, e poucos mapas como forma de ilustração dos fatos abordados, isto ocorre com conteúdos ligados à história contemporânea.

Se pensarmos que o período em que esses livros foram publicados era de uma gradual abertura política, onde a sociedade letrada deixava de sofrer censura e poderia publicar livremente seus ideais, fato é que se constatarão uma valorização da sociedade organizada e da luta política, assim como uma negação das atitudes militares ligadas às guerras e aos confrontos armados nas ilustrações contidas nos livros didáticos. Percebemos que há preocupação em levar os discentes a refletirem sobre o momento que passava a sociedade da ocasião, destacando a miséria reinante e as culturas que contribuíram para a sua formação histórica, sendo que as mazelas sempre são retratadas pela zombaria e as culturas, por meio de fotografias reais, sem qualquer tipo de montagem.

Referências

ALENCAR, Francisco; RAMALHO, Lúcia Capri; RIBEIRO, Marcos Venício Toledo. *História da sociedade brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1985.

AQUINO, Rubim Santos Leão de; FRANCO, Denize de Azevedo; LOPES, Oscar Guilherme Pahl Campos. *História das sociedades: das sociedades modernas às sociedades atuais*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1985.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. 1993. 369 f. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.

_____. *O que é história cultural?*. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CIAMPI, Helenice; CABRINI, Conceição. Ensino de história: histórias e vivências. In: CERRI, Luis Fernando (Org.). *O ensino de história e a ditadura militar*. Curitiba: Aos quatro ventos, 2003.

FRADIQUE, Mendes. *História do Brasil pelo método confuso*. Rio de Janeiro: Livraria Leite Ribeiro, 1920.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: UNESP, 2005.

MUNAKATA, Kazumi. Histórias que os livros didáticos contam depois que acabou a Ditadura no Brasil. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2001. p. 217 – 328.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso: representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.